

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 3 – Julho de 1998

UFRGS
BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Profa. Sara Viola Rodrigues

Organizadora: Profa. Maria Luiza Berwanger da Silva

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração
Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 3191719

e-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

SUMÁRIO

LIMINAR: PARA UMA TRADUÇÃO COMPARTILHADA.....	5
Maria Luiza Berwanger da Silva	
MIRANDA OU O ESPECTRO DA MIRADA CRÍTICA (A INVENÇÃO TEÓRICA NA FICÇÃO).....	9
Lisa Block de Behar	
<i>Tradução: Cláudia Gonzales Constanzo</i>	
A LITERATURA COMPARADA E OS PROBLEMAS DA TRADUÇÃO.....	25
Yves Chevrel	
<i>Tradução: Maria Luiza Berwanger da Silva</i>	
LITERATURA COMPARADA E MUDANÇAS DE PARADIGMAS DE ESTUDO LITERÁRIO.....	39
Claus Clüver e Clifford Flanigan	
<i>Tradução: Patrícia Lessa Flores da Cunha, Semíramis D. Teixeira Bastos e Vânia Falcão</i>	
APRENDENDO A PENSAR PARA FALAR: LÍNGUA MATERNA, COGNICÃO E ESTILO RETÓRICO.....	61
Dan I. Slobin	
<i>Tradução: Luciene Simões</i>	

Liminar: Para uma Tradução Compartilhada

“(…) Je m’apercevais que ce livre essentiel, le seul vrai livre, un grand écrivain n’a pas, dans le sens courant, à l’inventer, puisqu’il existe déjà en chacun de nous, mais à le traduire. Le devoir et la tâche d’un écrivain sont ceux d’un traducteur.” (PROUST, Marcel. **Le Temps Retrouvé**.)

“Mais à nous qui ne sommes ni des chevaliers de la foi ni du surhommes, il ne reste, si je puis dire, qu’à tricher avec la langue, qu’à tricher la langue. Cette tricherie salutaire, cette esquive, ce leurre magnifique, qui permet d’entendre la langue hors-pouvoir, dans la splendeur d’une révolution permanente du langage, je l’appelle pour ma part: littérature.” (BARTHES, Roland. **Leçon**.)

“On ne parle jamais qu’une seule langue – ou plutôt un seul idiome.

On ne parle jamais une seule langue – ou plutôt il n’y a pas d’idiome pur.” (DERRIDA, Jacques. **Le Monolin-guisme de l’Autre**.)

Ao aproximar a figura do escritor a do tradutor, Marcel Proust antecipa, talvez sem o saber, a função ocupada pela teoria e prática da tradução nos estudos da textualidade, hoje. Refiro-me ao projeto do crítico Roland Barthes de entrelaçar o discurso literário ao não-literário, visualizando-os como campos diversos mas complementares. De certo modo, pois, a “leçon” barthesiana, mais do que a da revitalização semiológica, lega aos contemporâneos essa prática de escrituras compartilhadas que encontra na lucidez de Jacques Derrida a voz da modulação crítica em que fronteiras de espaços textuais múltiplos diluem-se para dar lugar a novos territórios. Assim, à consciência da produção textual múltipla e polissêmica que aproxima, harmonizando, a comunidade de leitores e autores literários e não-literários, à consciência de não sermos “*ni passeurs ... ni passants*” (*Des Tours de Babel* – 1986), Derrida superpõe a do ato tradutório como certeza do ingresso na globalização: insinua, sob o título lacônico mas decisivo de *Monolinguisme de l’Autre* (1996), o projeto da busca da diversidade (e da mundialização) que já se faz anunciar no jogo entre as duas afirmações (“*On ne parle jamais qu’une seule langue*” e “*On ne parle jamais une seule langue*”)¹, nas quais a diversidade de recursos lingüísticos remete a uma única significação: não há

¹ DERRIDA, Jacques. *Le Monolinguisme de l’Autre*. Paris: Galilée, 1996. p.23.

idioma ou língua pura, (no rastro de Walter Benjamin em *A Tarefa do Tradutor*). Caracterizada como transformação, logo que reinventa e renova a cartografia lingüística, toda atividade de tradução divide com a presença da Alteridade e com a memória o desenho da paisagem textual. Sob esse ângulo, o diálogo tecido nas epígrafes tanto rememora o percurso da textualidade e a conseqüente incidência da voz do tradutor como representação (polifônica) de uma passagem ou de uma translação recreativa, quanto tenta consolidar a relação da lingüística com a literatura e dessa com a primeira. Convívio singular que parece fixar a fisionomia definitiva do profissional de letras, das nossas Letras (nossas e universais), esse desenho multifacetado já estaria contido, talvez, no recente ensaio crítico de Antoine Compagnon (*Le Démon de la Théorie* – 1998), do qual o perfil híbrido (de lingüista e de literato, comprovado pela produção anterior), delimitando os limites da ciência literária, alude, implicitamente, ao lugar e à função que a tradução dimensiona para os estudos da textualidade, onde diz:

“À la veille du XXI^{ème} siècle, la littérature est de nouveau à peu près aussi libérale que les belles-lettres avant la professionnalisation de la société... Le critère de valeur qui y inclut tel texte, c’est à dire qui en exclut tel autre, n’est pas en lui-même littéraire, ni théorique, mais éthique, social et idéologique, en tout cas extra-littéraire.”²

Sob a representação do “*extra-littéraire*”, percebe-se a reiteração do conceito de prática textual, dentre as quais a tradução, como horizonte infinito que condensa, na surpresa da passagem a um outro milênio, a própria surpresa do ato tradutório. Sorvida da errância e da migração, ao decifrar e ao aproximar campos divergentes do saber, as vozes traduzidas concedem à voz do tradutor aquela modulação a meio-tom, aquela melodia paralela e contínua com que Barthes encerra a *Leçon*, metáfora, talvez, da própria “*Gaveta do Tradutor*”, imagem que tomo emprestada e “*in memoriam*” de José Paulo Paes, na transparência do rastro barthesiano:

“Il est un âge où l’on enseigne ce que l’on sait; mais il en vient ensuite un autre où l’on enseigne ce que l’on ne sait pas: cela s’appelle chercher. Vient peut-être maintenant l’âge d’une autre expérience: celle de désapprendre, de laisser travailler le remaniement imprévisible que l’oubli impose à la sédimentation des savoirs, des cultures, des croyances que l’on a traversés. Cette expérience a, je crois, un nom illustre et démodé, que j’oserai prendre ici sans complexe, au carrefour même de son étymologie: Sapientia: nul pouvoir, un peu de savoir, un peu de sagesse, et le plus de saveur possible.”³

² COMPAGNON, Antoine. *Le Démon de la Théorie: Littérature et sens commun*. Paris: Seuil, 1998. p.34-35.

³ BARTHES, Roland. *Leçon*. Paris: Seuil, 1978. p.45-46.

Os textos traduzidos que se seguem e que compõem os *Cadernos de Tradução n° 3* fazem-se representativos desse compartilhar, por vezes implícito, mas legítimo, que tende a configurar a produção de nosso Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acolhi, pois, com muita alegria, ao convite da Profª Drª Maria Cristina Ferreira Leandro, diretora desse Instituto, para organizar o presente número dos Cadernos. Registro aqui meus agradecimentos à Profª Maria Cristina pela oportunidade de poder “*traduzir*” uma reflexão sobre essa prática; agradeço também aos colegas-colaboradores que aceitaram selecionar e apresentar estudos críticos relevantes para a comunidade universitária, bem como àqueles que revisaram os textos traduzidos. Experiências, espero, multiplicadoras de tantas outras quando, ao ler e ao escrever, se antepõe o rastro da subjetividade, recriadora.

Profª Maria Luiza Berwanger da Silva
Programa de Pós-Graduação em Letras